

FACULDADE DE CONCHAS
POLO EDUCACIONAL “A CASA TOMBADA”

**ORALIDADE E APRENDIZAGEM: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS E A MEDIAÇÃO DE LEITURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO**

MARIANA ANTUNES PORTIS

SÃO PAULO
2021

MARIANA ANTUNES PORTIS

**ORALIDADE E APRENDIZAGEM: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

ORIENTADOR: PROF GIULIANO TIERNO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito ao título de especialista em “A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática” sob orientação do Prof. Giuliano Tierno.

SÃO PAULO

2021

SUMÁRIO

Introdução	5
1. A Oral se ensina	8
2. Práticas de Contação de História na alfabetização: um contexto de Letramento	10
2.1 Histórias: Conhecimentos e Subjetividades	13
2.2 Contação de História X Mediação de Leitura: Diferenças e Singularidades	14
Considerações Finais	15
Referências Bibliográficas	16

RESUMO: Este artigo traz reflexões sobre práticas de Contação de História e Mediação de Leitura, abordando além da linguagem artística, o caráter pedagógico. A questão norteadora para este trabalho é acerca das relações destas práticas com a aquisição da Língua Materna (oral e escrita). Nestas reflexões, procurei abordar questões referentes às práticas de ensino da Alfabetização e do Letramento e as possibilidades de aprendizado a partir do uso das Histórias. Estes pensamentos aqui registrados, buscam trazer inquietações e provocações para o campo da Alfabetização sobre a importância da valorização da oralidade e de histórias da tradição oral - para o Letramento Literário, alfabetização do aluno, e a formação de uma postura leitor.

Palavras-chave: Contação de Histórias; aprendizagem; Letramento, Oralidade, Alfabetização, Mediação de Leitura.

Introdução

O contar e ouvir histórias, em uma sociedade em que as relações são de desencontros, no qual o individualismo é presente nas relações; um mundo invadido pelas relações sociais virtualizadas da internet, no qual as vivências coletivas no plano da realidade têm perdido espaço para as mídias digitais (*videogames*, *smartphones*, TV's, mídias sociais etc.), neste mundo, o ato de contar histórias para outrem, se configura como um espaço de escuta coletiva. Um momento de aprendizado, lazer e experimentação da vida coletiva. Neste sentido, partindo desta percepção, fruto de vivências experienciadas por mim principalmente em ambientes formais de ensino, arrisco dizer que o ato de ouvir coletivamente é um momento de encontro. Encontro entre os imaginários, encontro de escuta, de culturas, de constituição de relações interpessoais.

A *Contação de histórias*, ou narração de história, é uma das práticas mais antigas da humanidade. É uma ferramenta pedagógica por natureza e tem atendido à necessidade de transmissão de saberes através da oralidade - além de também estar presentes em narrativas grafadas em cavernas desde a pré história com as pinturas rupestres. Essa *arte* - de narrar - têm estado presente em toda a história da humanidade com o objetivo de transmitir uma história pela memória oral. Para Bia Bedran (2012), a sociabilidade e a consciência de quem somos é possibilitada por meio das narrativas orais e isso nos caracteriza como seres sociais.

Além do seu caráter pedagógico, configura-se também como uma importante linguagem artística. As histórias presentes nas narrativas orais estão intrínsecas à vida cotidiana. De acordo com Atihé, em um texto que descreve o papel do contador de histórias:

Como narrativa, a história participa da incansável busca humana por significado, uma coisa que está sempre na iminência de desaparecer, em meio ao caos e às incertezas do real. É, pois, um expediente coesivo, que reúne e costura os fragmentos da experiência do ser humano no mundo, para com eles construir sentidos que tornam a existência não somente possível, mas igualmente bela, justa e verdadeira (ATIHÉ, 2013: 20).

A ação narrativa, em seu sentido mais amplo, é uma exposição de fatos e/ou acontecimentos em forma de relato, sendo histórias reais ou fictícias, é um intercâmbio de experiências vividas pelo narrador, ou por ele ouvidas/lidas, que são

recontadas, envolvendo o ouvinte em uma trama. Nesse sentido, uma aula, uma descrição de acontecimentos entre amigos e diversas ações comunicativas do cotidiano se constituem como ações narrativas. O narrar e ouvir está presente em nossas relações interpessoais mais básicas.

O conto é caracterizado pela presença de diversos aspectos culturais, psicológicos, sociais e políticos de diferentes sociedades e épocas. Possibilita o encontro da atualidade, da realidade com esses diversos mundos. Traz a quem ouve a possibilidade de criar um mundo mágico, onde se concretiza na mente o que é impossível no plano real.

As narrativas estão presentes cotidianamente em nossas relações sociais, em nossa vida pessoal e profissional. Walter Benjamin (1987), já adiantava na década de 1980 em seu texto “*O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskovi*”, que, por conta do advento das “informações”, a arte de narrar ia aos poucos perdendo seu espaço. Para o autor, as relações estavam se tornando efêmeras uma vez que as novidades chegavam a todo tempo e as pessoas passavam a perder suas habilidades narrativas.

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1987: 197-198).

Walter Benjamin identificou, portanto, um fenômeno já presente na década de 1980, mas que se expandiu de forma exponencial no mundo globalizado pós 1990 e principalmente nas últimas duas décadas: a experiência que chega ao ouvinte como informação, cotidianamente, em uma enxurrada de notícias mundiais, de novas informações através das mídias sociais, não deixa espaço para interpretações e só tem relevância enquanto é nova e movimenta os interesses nos meios onde elas são propagadas. Nesse contexto, tudo é fragmentado e efêmero.

Em contraponto, entra a história contada, advinda da *Contação de Histórias*; fruto da tradição oral, repleta de memória, de cultura, valores e alimentadora da vida coletiva. Retomando Atihé (2013):

[...]uma história dura apenas o tempo em que é contada. Contudo, terminada a narrativa oral e desfeito o contexto que a sustentou, ela não desaparece, mas se transfere do mundo de fora para o mundo

de dentro, de um contexto para outro, já que foi capturada pela órbita da vida dos que a escutaram. Para estes, ela enseja uma experiência dual, de eternidade (mundo interno) e impermanência (mundo externo). Por tudo isso, uma história pode ser vista como uma metáfora da vida humana, um esquema imaginativo do mundo. Um mapa. Uma bússola (ATIHÉ, 2013:18).

As histórias da narrativa oral perduram por meio das tradições. São memórias transmitidas através da oralidade que se conservam durante tempos sejam estas contadas em espaços formais de educação ou em espaços informais como o ambiente familiar. Assim como descrito acima: são incorporadas pelo ouvinte.

Pode-se dizer que o contar e ouvir Histórias, em uma concepção de Aprendizagem Mediada, onde as interações sociais se tornam ponte para formar os elementos mediadores da aquisição do conhecimento: os instrumentos e signos². E, esse conhecimento é adquirido conforme as relações sociais se desenrolam por meio da mediação (VIGOTSKY, 1934). Nessa abordagem, é interessante pensar que o ser humano, por natureza, é social. E que através das relações interpessoais desenvolve sua individualidade.

Nessa perspectiva, em contato com Histórias que são produzidas culturalmente, o indivíduo entra em um mundo imaginativo, retoma experiências vividas, é inserido em contextos de letramentos, molda sua personalidade e desenvolve sua inteligência.

Um outro conceito de Vigotsky, que também traz fundamentos a este trabalho, é o de Internalização. Esse conceito se constitui na ideia de que o sujeito reconstrói internamente uma operação que foi dirigida externamente. Ou seja,

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). [...] a transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento. (VIGOTSKY, 1934: 57).

Nesta perspectiva, a contação de histórias aparece como ferramenta fundamental na prática pedagógica, uma vez que mantém na memória do ouvinte o acontecimento descrito, contribuindo para a construção do significado intrapessoal a partir do compartilhamento da construção coletiva. Nesse sentido, habilidade narrativa do professor torna-se um fundamental na prática docente, uma vez que

uma aula é estruturada de forma narrativa. O saber contar histórias é um meio fundamental para se alcançar os objetivos da educação; para que se chegue à construção de significados por meio da construção oral da experiência coletiva.

A partir destes pressupostos da importância da narrativa, e do contar histórias, no ensino-aprendizagem propõe-se neste artigo realizar uma reflexão sobre a *Contação de Histórias* enquanto arte narrativa, nas relações docente/discente como método pedagógico. Esta investigação se dará sob os aspectos pedagógicos, linguísticos e estéticos. Buscará aqui refletir a presença da *Contação de Histórias*, enquanto arte narrativa, na docência das Séries Iniciais; quais são as relações da *Contação de Histórias* com a aquisição da língua materna (oral e escrita)? E como esta atividade está atrelada ao desenvolvimento psicossocial, sócio cognitivo, afetivo e criativo na infância?

Para tanto, na primeira parte deste trabalho buscaremos compreender como a relação entre a língua falada e escrita no processo de alfabetização. Em seguida debruçaremos nossa análise sobre a *Contação de Histórias* na prática do letramento, buscando compreender os processos de construção de significado da leitura e escrita a partir da narrativa, tendo como principal variável a *Contação de História* como ferramenta pedagógica.

1. Oral se Ensina

Com o advento da escrita e sua popularização, o saber oral começou a ser desvalorizado e desconsiderado. Ainda hoje a oralidade é inferiorizada em relação à escrita e os conhecimentos tornam-se válidos e mais verossímeis quando estão escritos.

Para Paulo Freire, “[...] reduzir a comunicação puramente pra (*sic*) linguagem escrita, e até mesmo oral, é estreitar a capacidade comunicante do ser humano” (Freire, 1982: 06). Embora a oralidade seja fundamental inclusive no processo de alfabetização, na qual a língua falada é representada por meio de signos alfabéticos, ainda vivemos essa redução, principalmente no âmbito educacional.

A grande preocupação escolar é, desde a educação infantil, “preparar” o discente para a alfabetização; para a gramática; para a norma-padrão da língua portuguesa, ignorando a variação linguística.

A Oralidade, em sala de aula é desconsiderada, sendo os alunos raras vezes protagonistas deste espaço; o espaço da fala é dado ao professor. De acordo com Mendonça (2011):

[...] Se tentarmos elencar as atividades que a contemplam (a fala) em sala de aula, descobriremos que se resumem a cantar uma música (...), a um raro debate e às conversas paralelas entre alunos (comumente concebidas como indisciplina) (MENDONÇA, 2011: 132).

Sobre esse ensino, devemos nos atentar sobre o aprendizado da língua por meio da oralidade para além da escrita. Não se aprende a falar “apenas ouvindo”; se aprende a usar a oralidade “falando” e usando a língua em seus contextos sociais. Ou seja, é preciso desenvolver as habilidades orais nas crianças e, por consequência, desenvolver habilidades de escrita. É necessário prover aos estudantes, momentos nos quais possam (além de ouvir) contar histórias, argumentar, dialogar e trazer seus saberes para o espaço escolar.

Esse aspecto do Ensino da Língua acima abordado (falada e escrita) se faz importante neste texto, principalmente para pensar como se configura o ensino da língua materna na Alfabetização. A partir deste panorama, podemos trazer reflexões sobre a Contação de Histórias neste contexto. Existe uma relação subjetiva entre as dificuldades de alfabetização e o pouco repertório de histórias da tradição oral. Claudemir Belintane (2010) nos traz em uma pesquisa realizada em classes de alfabetização que “[...] crianças que conhecem pouco os textos completos da tradição oral e seus manejos também não dominam bem as unidades silábicas”.

A hipótese levantada por Belintane se confirma ao decorrer de seu trabalho em classes de alfabetização; em sua proposta o autor traçou relação direta entre a memória oral e o repertório de histórias com as dificuldades no processo de Alfabetização. Em síntese: “[...]alunos em cujas memórias não se detectam, com facilidade, manejos intertextuais e habilidades languageiras e narrativas tendem a experimentar problemas sérios durante a escolarização da leitura e da escrita” (BELINTANE, 2010: 692).

Sobre a docência da Língua Materna, pode-se dizer que esta é também um “modo de interação e de identidades culturais na relação escola/mundo e [...] forma de ação sobre o outro e sobre o mundo no seu contexto de uso” (ROXO, 2010). Isto é, a língua ultrapassa o universo da escrita:

Uma aprendizagem da linguagem, é um momento, um ato de reflexão, de interação de ações: é o aluno com seu discurso, é o professor com sua fala; e assim vão-se todos comprometidos, na busca dos sentidos, da compreensão de estar num aqui-agora historicamente delimitado pela posição sócio-ideológica de cada sujeito (ROXO, 2010: 155).

Intrínsecos aos contos narrados estão valores, morais e saberes diversos. É neste contexto que o educando apreende e conquista novos conhecimentos (sistematizados ou não) e significados sobre o mundo.

[...] devemos considerar que numa época em que as pessoas podem, com tanta facilidade, perder o direito inato à imaginação, devemos encontrar maneiras de ajudar os indivíduos a descobrirem fontes criativas, com intuito de ressignificar o seu bem-viver (GIORDANO, 2010: 33).

Assim sendo, é preciso rememorar tradições da vida coletiva. Das possibilidades criativas e de estudo no campo da linguagem, do poder da palavra falada no aspecto da aprendizagem. Do poder de mudança, de criação, de aprendizado que a Contação de Histórias pode propiciar ao ensino-aprendizagem.

2. Práticas de Contação de História na alfabetização: um contexto de Letramento

Enumerando as possibilidades de aprendizado a partir da Contação de Histórias, percebe-se o quão auxiliadora essa ação pode ser para o educacional: ampliação de vocabulário, vivências coletivas, significação cultural, formação do postura leitor, fomenta o imaginário infantil, possibilita contato com diferentes culturas e épocas. Ressaltando inclusive que está relacionada no eixo de linguagem do ciclo alfabetizador na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC é um documento que traça diretrizes, aponta competências e habilidades que devem ser trabalhadas em toda a Educação Básica brasileira. Este documento, possui diretrizes para o ensino da linguagem, tendo um Eixo de

Oralidade que aponta aspectos importantes para o ensino que envolve práticas orais. Segue tabela que compreende práticas para o Eixo Oralidade.

Figura 01 - O Eixo Oralidade na BNCC

<p>Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemióse. • Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.
<p>Compreensão de textos orais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Proceder a uma escuta ativa, voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão, para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos e multissemióticos mobilizados, bem como dos elementos paralinguísticos e cinésicos.
<p>Produção de textos orais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir textos pertencentes a gêneros orais diversos, considerando-se aspectos relativos ao planejamento, à produção, ao <i>redesign</i>, à avaliação das práticas realizadas em situações de interação social específicas.
<p>Compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis.
<p>Relação entre fala e escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. • Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros. • Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.

Dentro destas práticas orais a Contação de histórias engloba principalmente os aspectos de consideração sobre a produção de textos orais, trazendo reflexões sobre tradições orais e seus gêneros, considerando as práticas sociais em que tais textos se encontram e os sentidos que produzem; a compreensão de textos orais, no sentido de promover uma escuta ativa e produzir recursos linguísticos e multissemióticos; a oralização dos textos escritos, possibilitando reflexões sobre a relação entre oralidade e escrita. Para além, e intrínseco a estes benefícios, destaca-se também um contato com textos em contextos sociais, o Letramento.

De acordo com Magda Soares, Letramento é “[...] estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita” (2004: 44). Letramento é um conceito interdependente que se entrelaça ao conceito de Alfabetização. É, resumidamente falando, a habilidade de se fazer uso de textos em seus contextos sociais reais.

Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004: 14).

Pode-se dizer que um indivíduo imerso no mundo do letramento - sendo este não alfabetizado - sabe fazer uso da escrita em suas práticas sociais de escrita.

Para exemplificar, imagine um indivíduo *analfabeto* - que não decodifica o código alfabético - ditando oralmente uma carta para que outro indivíduo - alfabetizado - escreva. Ele, provavelmente, vai se utilizar de uma rítmica, entonação e vocabulário próprios da escrita. Neste exemplo, é possível identificar o ditar a carta enquanto uma prática social de uso da escrita exercida pelo sujeito. Logo, este sujeito exerce uma prática do Letramento. Para Soares (2004), a alfabetização se desenvolve:

[...] no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004: 14).

Assim sendo, é possível pensar o Letramento separadamente à Alfabetização, mas inviável pensar a Alfabetização à parte do Letramento. Em síntese, uma Alfabetização que não esteja em uma perspectiva do Letramento é

ineficaz uma vez que não basta saber decodificar - como técnica - mas saber usar em contextos sociais. E, da contação de histórias, pode-se trabalhar este contexto de uso da língua – o contexto social.

2.1 Histórias: Conhecimentos e Subjetividades

Uma história narrada espera de seu ouvinte sua própria interpretação, não se conta uma história contando sua moral ou determinando a interpretação de quem a ouve. Cada indivíduo constrói e atribui significados às histórias a partir de suas vivências e experiências pessoais. É assim que a ação docente que pretende ser educativamente efetiva deve acontecer. Em uma aula o professor deve apresentar novos conteúdos e saberes na expectativa de que o que ali está sendo narrado/ensinado não apenas “viva naquele momento”, como uma informação fragmentada; mas que aquele que o ouve grave na memória os novos conhecimentos e atribua significados e sentidos sendo cada aprendizado único e particular.

Para abordar questões pedagógicas e linguísticas, pode-se trazer contribuições da teoria de Lev Vigotsky (1934). O autor estabelece a transição do bebê, sujeito biológico, para o sujeito sócio-histórico a partir do contato com os sujeitos de seu grupo social mediada pela linguagem. Pensando nessa perspectiva, os momentos dedicados à contação de história e leitura são momentos de desenvolvimento do sujeito; momento de internalização do conhecimento a partir de uma organização interna de aprendizagens que são adquiridos a partir do contato e relação com outros sujeitos.

Essa intersecção de aprendizagem, para o teórico Vigotsky (2007: 97), é chamado Zona de desenvolvimento Proximal (ZDP); é na ZDP que ocorre a aprendizagem, com sujeitos mais velhos/ou mais experientes.

Desse modo, os momentos dedicados ao contar histórias, servem como este momento de desenvolvimento do aprendizado a partir das relações coletivas - um encontro do ouvinte com a palavra; uma clareira no bosque, como nos diz Gilka Girardello(2014):

Contar e ouvir histórias agem como uma pequena clareira no bosque, um espaço onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar de forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança. Longe em anos luz e longe no tempo, desde o passado mítico ao futuro intergalático. E podem exercitar ao mesmo tempo a possibilidade de se sentirem radicalmente perto de si mesmas, enquanto o coração bate forte e os pelinhos do braço se arrepiam de emoção (GIRARDELLO, 2014: 10).

Para Bakhtin (2006), “[...] a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível, veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse tipo de material” (BAKHTIN, 2006: 35). A palavra, é - ou pode ser - simultaneamente, meio de interação, meio de regulação de ações e objeto do conhecimento; ela é, de acordo com Bakhtin, fenômeno ideológico por excelência e o indicador mais sensível das transformações sociais. Estes aspectos nos levam novamente a reflexão da Contação de Histórias enquanto um espaço de escuta coletiva, encontro e aprendizados - subjetivos e objetivos.

Pela rememoração, na linguagem e na narrativa, resgata-se o poder de ser no presente, no passado e no futuro, tecendo a história, não mais como cronologia, mas como processo de recriação do significado. [...] Além disso, na medida em que o sujeito constitui a linguagem e é reconstituído por ela, revive e refaz a experiência ao dizê-la (KRAMER, 2010: 155).

A partir deste entendimento da linguagem como ferramenta de ação no mundo e entre sujeitos, fica claro uma relação indissociável entre a *linguagem*, *sociedade* e *sujeito*. Assim sendo, um dos objetos de investigação neste trabalho é a língua e sua relação com o sujeito social. Para, a partir das investigações sobre a linguagem e a constituição do sujeito da língua, pensar a *contação de histórias* como ação pedagógica.

2.2 Contação de História X Mediação de Leitura: Diferenças e Singularidades

Contar histórias é diferente de mediar leituras. Essa afirmação pode parecer um tanto óbvia, mas ainda gera dúvidas. O mediar pode trazer uma aproximação maior às palavras escritas no suporte do texto: o livro. O mediar, neste contexto, é imbuído de descobertas; principalmente ao envolver uma criança na fase de

descoberta da leitura e em processo de inserção em um contexto de Letramento. O Mediador de Leitura atua nesta linha de aproximação ao universo do ler; apresenta, seleciona, lê em conjunto ou silencia e abre espaço para a leitura de cada um. Este mediador abre caminho e desperta encantamentos.

O *contar* se caracteriza por maiores expressões corporais, artísticas, gestuais, cênicas. Em algumas contações de história se mantém fidelidade ao texto escrito; outras são fruto de improvisos a partir da interação com o público ou, inclusive, adaptações feitas pelo contador de histórias; quem conta histórias busca criar imagens e sensações nos ouvintes a partir de recursos da voz e do corpo.

Em sala de aula, muitos professores contam histórias e outras apenas as leem como se houvesse uma contraposição nas duas ações (GIRARDELLO, 2014). Cada qual dessas atividades possui uma intencionalidade pedagógica diferente e ambas devem ser valorizadas no contexto escolar em um ambiente alfabetizador.

Em síntese, uma das ações valoriza o suporte escrito - o texto escrito; outra valoriza a oralidade. Entretanto, ambas ações têm contribuições no processo de Alfabetização.

A Oralidade e a escrita ocupam lugares singulares na maneira do indivíduo organizar seu discurso e exercer suas interações sociais no cotidiano; não competem entre si e são complementares. Essa, entre tantas as questões que envolvem a temática, é colocada de maneira dicotômica e necessita de algumas reflexões por parte dos educadores, principalmente daqueles que atuam na Alfabetização. Essa dicotomia deve ser desmistificada, assim como a dicotomia entre a supervalorização da escrita em relação à oralidade; entre o ouvir histórias contadas e o ouvir histórias lidas. Cada qual tem seu papel.

Considerações Finais

Retomando questões principais deste texto, pode-se sintetizar algumas considerações: a Contação de Histórias é uma arte narrativa que pode ser praticada em contextos diversos, incluindo o contexto escolar, proporcionando um ambiente propício à alfabetização. Pode ser exercida por diferentes atores em diferentes

espaços; é uma atividade rica em recursos pedagógicos e linguísticos se pensado com intencionalidade. Pelo professor alfabetizador pode ser realizado em práticas distintas como Contação de Histórias e mediação de leitura, sendo que cada prática possui características e intencionalidades próprias. É rica culturalmente e repleta de significações sociais e psicológicas. Além dos aspectos abordados acima, é atividade alinhada às competências do ensino de Língua Portuguesa em seu Eixo de Oralidade.

Na trajetória desta escrita, revivi questões presentes desde a minha própria inserção neste mundo de histórias. Inclusive na formação básica, que foi onde fui despertada a este encantamento. E é nesta trilha formativa que venho caminhando e hoje, como professora, busco promover um espaço que instigue a curiosidade pelas histórias, que promova o prazer da leitura e o prazer escuta.

Acerca do que venho investigando, tenho como produto este texto, no qual trago reflexões sobre a temática do ler e contar histórias em contexto alfabetizador. A escrita aqui apresentada é fruto de algumas vivências neste campo de estudos. Uma destas vivências é o curso de Especialização na Arte de Contar Histórias, oferecido pelo Pólo Educacional “A Casa Tombada”. Ao iniciar este curso, aprendi possibilidades de uso das Histórias em minha prática pedagógica cotidiana; percebi que o uso deste recurso na aprendizagem estava além daqueles momentos específicos que nós professores separamos para esta prática. E a partir destas novas percepções, despertadas neste espaço, comecei a entender o exercício do contar (e também ouvir), do ler e do criar com meus alunos como uma prática diária. Levei para minha ação diária, novas técnicas, reflexões e repertório sensível às demandas sociais e culturais de nosso contexto.

Além desta formação profissional que vivenciei neste espaço, tenho mais a considerar do que o já exposto no decorrer deste texto. Este curso me trouxe além de conhecimento sistematizado, me trouxe paz em um momento que meu peito estava repleto de angústias; angústias pessoais e sociais. Este último trecho talvez não seja cabível em um texto de investigação pedagógica; não seja uma informação *científica* e não tenha nenhuma relevância prática para a finalização deste trabalho. Entretanto, creio que seja preciso pontuar este aspecto e, principalmente, trazer ao texto meus sinceros agradecimentos ao que foi a *Turma X*¹ e a equipe docente da

¹ Turma X é a em qual ingressei, composta por pessoas sensíveis ao próximo que me acolheram e trouxeram muito afeto às minhas terças-feira. À vocês, meus sinceros agradecimentos.

Casa Tombada em meu processo formativo: foi além de aprendizado sistematizado. Foi paz e acolhimento, foi um processo terapêutico. E é a partir desta vivência que ressalto o poder do ler e contar histórias, em todos os espaços. Esta ação tem o potencial de transformação, traz possibilidades educativas de formação cidadã para além do conteudismo curricular. A todos vocês, novamente: meu muito obrigada!

Referências Bibliográficas

ATIHÉ, Eliana Braga Aloia. **Notas sobre o papel do contador de histórias**. In: LACOMBE, Ana Luísa de Mattos Masset (Org). Teias de experiências: reflexões sobre a formação de contadores de histórias. São Paulo: CSMB, 2013.83p.

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006 - 12ª Edição.

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade, alfabetização e leitura: enfrentando diferenças e complexidades na escola pública***. 2010 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a03.pdf>> Acessado em 25 de abril de 2020.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskovi**. In: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987. 3ª ed.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CORREIA, Mônica F. B.. **A constituição social da mente: (re)descobrimo Jerome Bruner e construção de significados**. Estud. psicol. (Natal) [online]. 2003, vol.8, n.3 [cited 2017-04-10], pp.505-513. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300018&lng=en&nrm=iso> .

FREIRE, Paulo. **Da leitura do mundo à leitura da palavra. Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre, v. 1, n. 0, nov., 1982. Entrevista concedida a Ezequiel Theodoro. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org:80/xmlui/handle/7891/2842>>

GIORDANO, Alessandra. **A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas**. *Constr. psicopedag.* [online]. 2013, vol.21, n.22, pp. 26-45. ISSN 1415-6954. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-69542013000100004>

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola.** Campinas - SP: Papyrus, 2014.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização e leitura: Formação de professores em curso.** São Paulo: Ática, 2010

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **A norma culta e a oralidade em sala de aula.** Disponível em : <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40146>> Acessado em: 25 de abril de 2020.

RABELO, Amanda O. **A importância da investigação narrativa na educação** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a11v32n114.pdf>>. Acessado em: 03 de mar de 2017.

ROXO, Maria do Rosário. **Ensino de língua materna: perspectiva dialógico-interacional.** In:Cultura e Formação. Org :PLETSCH, M. e RIZO, G. Editora UFRRJ, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: As muitas facetas.** Revista brasileira de Educação. Rio de Janeiro, nº25, Abr, 2004.

_____, Magda.**Letramento: Um tema em três gêneros.** 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica,2004.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1936.

_____. **A Formação Social da Mente.** 7ª edição São Paulo, Martins Fontes, 2007.